



Catálogo de Espécies da Flora Nativa do Bioma Pampa

Corredor dos Munhós, Estância do Espinilho, Chácara São Jorge e Rancho das Laranjeiras

VOLUME I



EXPEDIENTE

Catálogo de Espécies da Flora Nativa do Bioma Pampa

Lavras do Sul, maio de 2026, 27 páginas

**Esta publicação tem distribuição gratuita e foi realizada pela Lavras do Sul Mineração (LDSM)

****Foto da capa:** Edinara Lopes Brasil

****Legenda da foto da capa:** Muda de Cereja Gaúcha oriunda da Nazária

****Fotos da página:** Mosaico com espécies das três localidades inseridas nesta edição

Coordenação: Fernanda Ricalde Teixeira Carvalho e Davi Oliveira Olivar

Levantamento de espécies e fotografia: Edinara Lopes Brasil

Projeto gráfico e diagramação: Cristiana La Rocca Teixeira

Designer e social media: Pedro Eduardo Vaz

Gráfica: Imenores (53) 99945-4571

Tiragem: 500 exemplares

CONTATOS:

Fernanda Carvalho - FernandaCarvalho.Rotaouro@lavrasgold.com

Cristiana Teixeira - cristianalarocca898@gmail.com

Edinara Lopes Brasil - edinarabrasil30@gmail.com

Davi Oliveira Olivar - davi.olivar@lavrasgold.com

Pedro Vaz - opedrovazdesign@gmail.com

INTRODUÇÃO

Descobrir, proteger e PERTENCER



A motivação de organizar este catálogo surgiu da ideia de termos uma ferramenta de pesquisa sobre a

flora do Pampa e a produção de conhecimento sobre a relação das famílias que abrigam essas espécies conservadas. Pretendemos despertar, por meio desse trabalho, a importância de enxergar novas utilidades para as plantas, e como a Região da Campanha pode aproveitar o seu potencial florístico para desenvolver produtos com indicação geográfica e certificação de origem. Esses fatores são fundamentais para o fortalecimento do conceito regional, e provocam nas novas gerações a ideia de permanência no território.

Neste documento, caro leitor, você vai encontrar memórias das famílias e pesquisa de campo, além do que encontramos nas propriedades visitadas - espécies ainda presentes no nosso território, nativas ou não do Bioma.

Desejamos que esse catálogo também sirva como um instrumento para outros trabalhos, e que a pesquisa pela nossa identidade cultural e territorial jamais se canse. Ainda temos muito a descobrir nos vastos campos do Pampa.



Um dos objetivos do catálogo é despertar a importância de enxergar, além da beleza, novas utilidades para as plantas (muda de Pitangueira)



Detalhe de uma Pavônia, planta da família do Hibisco, clicada na localidade de Vista Alegre

QUEM SOMOS E AGRADECIMENTOS

Desbravar, conhecer e COMPARTILHAR



O Projeto Viver, que é parte do Programa Sociambiental da Lavras do Sul Mineração (LDSM), tem como missão alinhar as ações da empresa com a agenda climática mundial, trabalhando pela conservação do Bioma

Pampa e amenizando os impactos inerentes às ações humanas.

Na busca por sementes nativas, nossa equipe percebeu a importância de criar uma espécie de mapa da flora, para sabermos onde buscar sementes e mudas de árvores que servem de guardiãs das nascentes,

fornece sombra ao gado e frutas cujos poderes medicinais ainda desconhecemos.

Agradecemos a todos que abriram suas porteiras para nos receber, e que nos permitiram realizar este trabalho. Nosso agradecimento, também, à equipe de campo da LDSM.

EQUIPE

Fernanda Teixeira Carvalho 

Bacharel em Turismo pela UFPel, pós-graduada em Especialização em Imagem Publicitária pela PUC-RS e mestre em Patrimônio Cultural pela UFSM. Atuou como Secretária de Turismo de Lavras do Sul e, atualmente, é coordenadora de projetos sociais da Lavras do Sul Mineração e Turismóloga da Prefeitura Municipal de Lavras do Sul.

Edinara Lopes Brasil 

Bacharel em Fotografia e em Perícia Ambiental pela Uninter e graduanda em Ciências Biológicas na Uninter. Atualmente, é fotógrafa e colaboradora nos Projetos Socioambientais na Lavras do Sul Mineração.

Davi Oliveira Olivar 

Bacharel em Engenharia Ambiental e Sanitária pela Unipampa e pós-graduando em Engenharia de Controle Ambiental pela PUC-MG. Atualmente, é engenheiro ambiental na Lavras do Sul Mineração.

Cristiana La Rocca Teixeira 

Bacharel em Jornalismo pela PUC-RS, tem experiência em rotinas e fechamento diário de veículos da mídia impressa e sites especializados. Foi editora-chefe do Jornal Cidades, editoria do Jornal do Comércio, trabalhou como chefe de comunicação do Instituto de Cardiologia de Porto Alegre, diagramou a Gazeta de Caçapava e a Folha de São

Borja, integrou a equipe de comunicação da Cotrisul e da porto-alegrense Nano Biz Tools e, atualmente, trabalha como jornalista e diagramadora na Lavras do Sul Mineração.

Pedro Vaz 

Designer e fundador da Agência Atos, atua no desenvolvimento de marcas, posicionamento e estratégias de comunicação para empresas de diferentes segmentos em todo o Brasil, além de projetos institucionais e iniciativas de desenvolvimento regional. No Projeto Viver e na Rota do Ouro, da Lavras do Sul Mineração, é responsável pela criação e pelo desenvolvimento da identidade visual e dos materiais de comunicação dos dois projetos.

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



SPOILERS

Continuar, mapear e CONSERVAR



Além das propriedades rurais visitadas pelo Projeto Viver e já catalogadas nesse inventário, pretendemos dar seguimento contínuo a esse

trabalho. Outras três comunidades farão parte de uma nova edição do catálogo, alimentando o documento com dados que possam servir de base para novas pesquisas.

E vem mais por aí. A equipe do

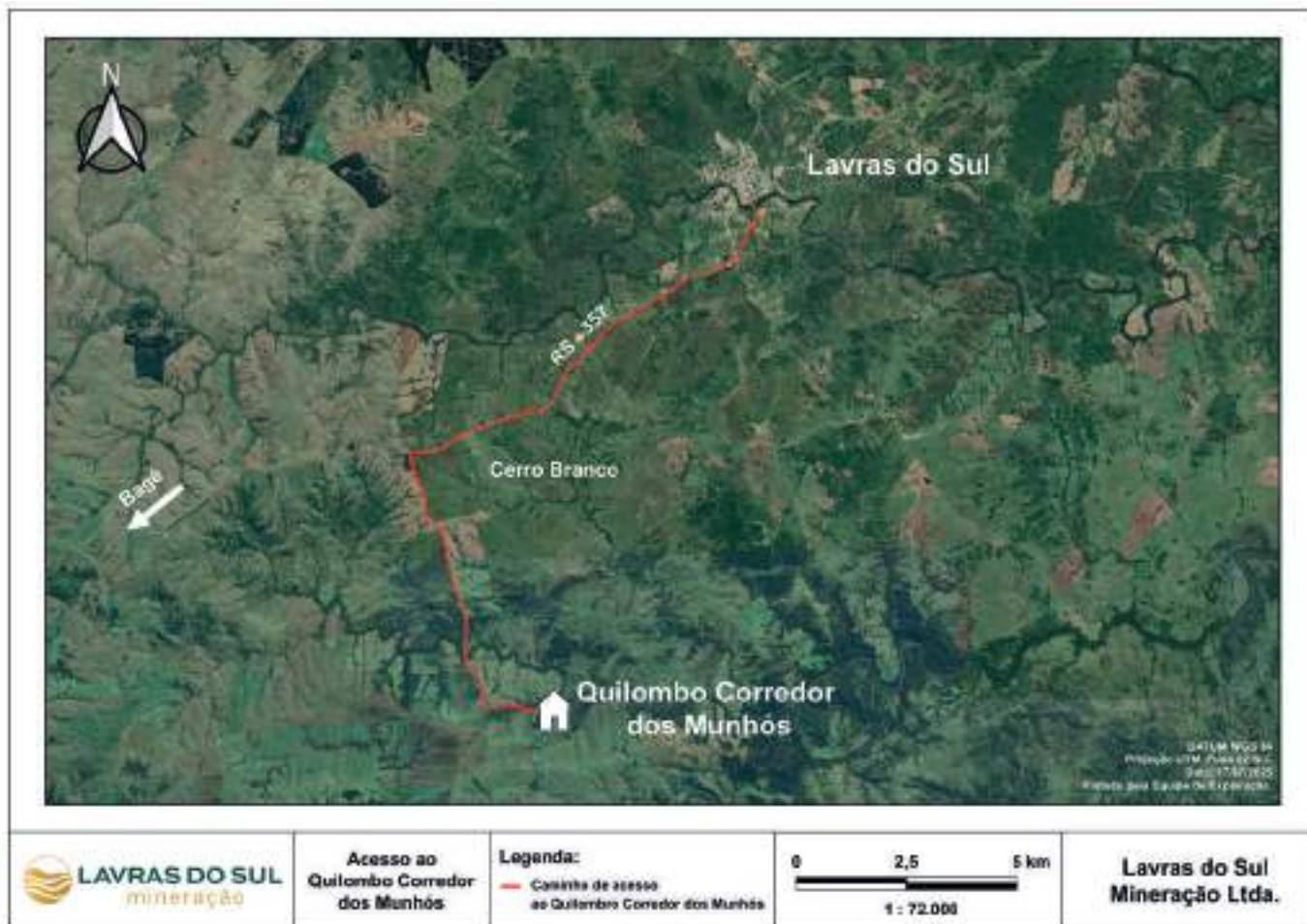
Viver está fazendo o mapeamento das nascentes, atividade que ajuda a conservar o Bioma e a garantir a segurança hídrica das populações que vivem em torno dos rios abastecidos pelo nosso município.

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



Registros da saída de campo no Jaguari, oportunidade em que a equipe do Projeto Viver realizou o mapeamento de nascentes no Rancho das Laranjeiras, da Família Batista





Corredor dos Munhós

Comunidade, localizada na Mantiqueira, passou a se organizar como quilombola a partir de 2008



A Comunidade Quilombola Corredor dos Munhós está localizada na Estrada da Mantiqueira, passando o passo do Arroio Mantiqueira, logo após a fazenda que leva o mesmo nome. Está a, aproximadamente, 3 km por dentro de campo, depois da porteira.

A comunidade passou a se organizar como quilombola a partir de 2008, com o conhecimento das políticas públicas apresentadas dentro do Programa Luz para Todos. O reconhecimento veio em 24 de outubro de 2013, pela Fundação Cultural Palmares, com a Portaria 176 publicada no Diário Oficial da União em 25 de outubro do mesmo ano, garantindo o acesso a inúmeras políticas públicas.

Em uma área de, aproximada-



mente, 32 hectares, a comunidade é ocupada com a produção de gado de corte e leite, ovinos, hortaliças, frutíferas e mel, com as características tradicionais da agricultura familiar, mas preservando os costumes e os modos de fazer

tradicionais. Entre esses saberes culturais estão o conhecimento sobre as plantas e ervas do Bioma Pampa, sobre a cultura alimentar e também sobre bioconstrução, tendo como cartão de visita as construções em pau-a-pique e torrão.

Saída de campo Bastidores

Em nossas andanças pelo Bioma Pampa laurense, tivemos a honra de conviver com os moradores da Comunidade Quilombola Corredor dos Munhós, e ver de perto sua importante e promissora relação com a natureza e o

que ela oferece. Nesta página, mostramos, em fotos, os bastidores das nossas visitas à comunidade, seus moradores ilustres e o carinho com o qual nos receberam para contar suas experiências. Muito obrigado!

FOTOS FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO



Pausa para o registro!

BRUNO FERREIRAS/DIVULGAÇÃO

Participantes da saída de campo em 19 de maio de 2023



Caminhada pela propriedade



ZK SEVERO/DIVULGAÇÃO

ZK SEVERO/DIVULGAÇÃO

Hora do lanche feito pela comunidade



Equipe fazendo anotações



Tio Neco conduz a equipe do Projeto Viver



Açoita Cavallo

ZK SEVERO/DIVULGAÇÃO



Tio Neco fala sobre a fauna nativa



Roda de conversa durante saída de campo no Corredor dos Munhós, com equipe técnica e estudantes do Ensino Médio do I.E.E. Dr. Bulcão

Espécies nativas

Corredor dos Munhós

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



2. JURUBEBA



1. ORELHA DE CORDEIRO



5. TAMARILHO



3. CAPIM SANTA FÉ



4. FIGUEIRA

1. ORELHA DE CORDEIRO

(*Stachys byzantina*)

Tipo: Rasteira - **Família:** Lamiaceae

A orelha de cordeiro, é uma planta de folhagem querida conhecida por suas folhas distintas, macias e aveludadas, hábito de baixo crescimento e facilidade de cuidado. Sua aparência única, combinada com tolerância à seca e resistência a veados e coelhos, o torna um favorito entre os jardineiros que visam adicionar textura e interesse à sua paisagem.

2. JURUBEBA

(*Solanum stramonifolium*)

Tipo: Rasteira - **Família:** Solanaceae

Esta espécie é uma erva sufrutescente, comum em terras baixas perturbadas da parte norte da América do Sul. As folhas se assemelham muito às de *Solanum hirtum*. É um arbusto que pode crescer até 2 m de altura. As plantas são frequentemente visitadas por abelhas, o que é essencial para a polinização da espécie. No entanto, as plantas não oferecem néctar, então as abelhas são atraídas pela abundância de pólen.

3. CAPIM SANTA FÉ

(*Panicum prionitis*)

Tipo: Gramínea - **Família:** Poaceae

Gramínea de hábito cespitoso, cuja raiz emite vários caules, formando tufo ou touceira. Folhas (colmos) longas, brilhantes, de coloração cinza-azulada e com margens cortantes. As folhas secas permanecem muito tempo na touceira, enriquecendo a coloração da planta. Inflorescência parda, alta, ereta, aberta e sem importância ornamental. Surgem de novembro a março. Em paisagismo é indicado para o uso em grupos formando maciços em amplos espaços ou isolado junto com outras gramíneas.

4. FIGUEIRA

(*Ficus*)

Tipo: Árvore - **Família:** Moraceae

As figueiras podem crescer de forma enérgica e por isso não é indicado que se cultivem figueiras de grande porte perto de casas, pois o crescimento de suas raízes têm a capacidade de deformar as paredes das residências. Por fornecerem alimentos a aves, símios, morcegos e outros animais dispersores de

sementes, têm importância na preservação das vegetações nativas tropicais e subtropicais. Os figos caídos no solo e na água servem também de alimentos a vários outros animais, incluindo peixes e insetos.

5. TAMARILHO

(*Solanum betaceum*)

Tipo: Arbusto - **Família:** Solanaceae

É uma planta arbustiva, nativa dos Andes do Peru, Equador, Chile, Colômbia e Bolívia, e que se espalhou por diversas regiões. Seu tronco é ereto, simples, lenhoso e emite ramos laterais após certa altura, com cerca de 3 a 5 metros de altura. As folhas são simples, inteiras, verdes, grandes, pubescentes e de forma ovalada a cordiforme. As flores são róseas ou brancas, perfumadas e reunidas em cachos de 10 a 50. Elas podem se autopolinizar, mas ainda assim atraem abelhas e borboletas. Os frutos são comestíveis, tem um formato ovóide, com casca fina, brilhante, lisa ou rajada. Internamente, eles são septados, com numerosas sementes duras envoltas em uma polpa gelatinosa e assemelham-se aos tomates verdadeiros.

Espécies nativas

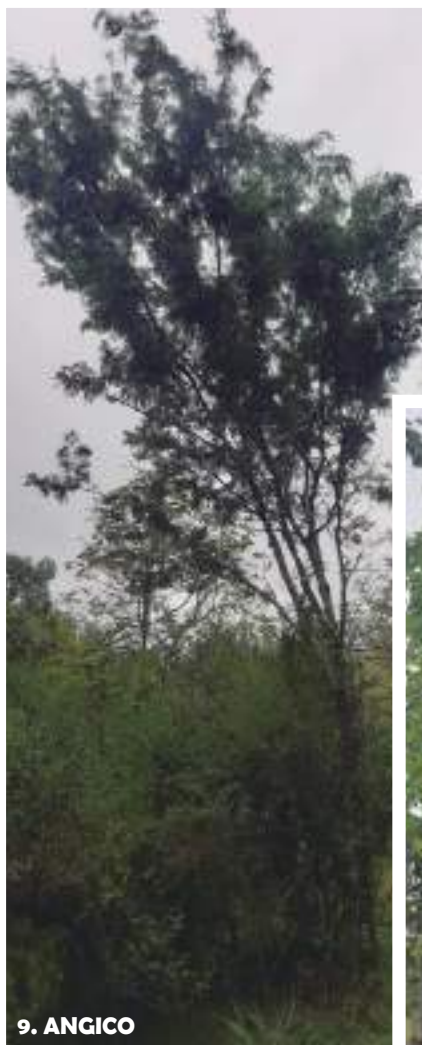
Corredor dos Munhós



7. GOIABA DO MATO



8. UMBÚ



9. ANGICO



6. AÇOITA CAVALO



10. AMOREIRA NEGRA

6. AÇOITA CAVALO

(*Luehea divaricata*)

Tipo: Árvore - Família: Tiliaceae

A árvore Açoita Cavallo é caducifólia, com 3,5 a 15 m de altura e 20 a 50 cm de diâmetro, podendo atingir até 30 m de altura e 100 cm de diâmetro, na idade adulta. O tronco é tortuoso, nodoso, com reentrâncias e a casca externa possui coloração parda-acinzentada-escura. As folhas são simples, alternas, dísticas, irregularmente serreadas, com três nervuras longitudinais típicas, ásperas na face ventral e tomentosas na face dorsal. As flores são vistosas de coloração rósea, roxa ou raramente branca, e do Sulos frutos são cápsulas lobada de valvas lenhosas contendo de cinco a quinze sementes.

7. GOIABA DO MATO

(*Acca sellowiana*)

Tipo: Árvore - Família: Myrtaceae

A goiaba serrana também é conhecida por feijoa, goiaba do mato, goiaba do campo. Ela é um arbusto densamente ramificado e de folhas perenes ou uma pequena árvore com uma coroa muito densa e arredondada. Pode crescer

3 a 7,5 metros de altura. O bole curto e cilíndrico pode ser de 15 a 20 cm de diâmetro.

8. UMBÚ

(*Phytolacca dioica* L.)

Tipo: Herbácea - Família: Phytolaccaceae

É uma espécie de planta herbácea de grande porte, conhecida pelos nomes comuns de ombu, umbú, umbú ou bela-sombra, com distribuição natural nas pampas da América do Sul, mas utilizada como ornamental nas zonas de clima mediterrânico de todo o mundo. Apesar de apresentar morfologia arbórea, o ombu é uma planta herbácea de grandes dimensões, não tendo madeira no seu caule, pese embora o seu tamanho. A planta forma uma canópi com um perímetro de 12 a 15 m, podendo atingir uma altura de 12 a 18 m. O nome deriva da palavra guarani ombu, que significa vulto ou sombra.

9. ANGICO

(*Anadenanthera macrocarpa*)

Tipo: Árvore - Família: Fabaceae

Os angicos são árvores de porte grande, bem altas, e por isso podem alcançar os 20

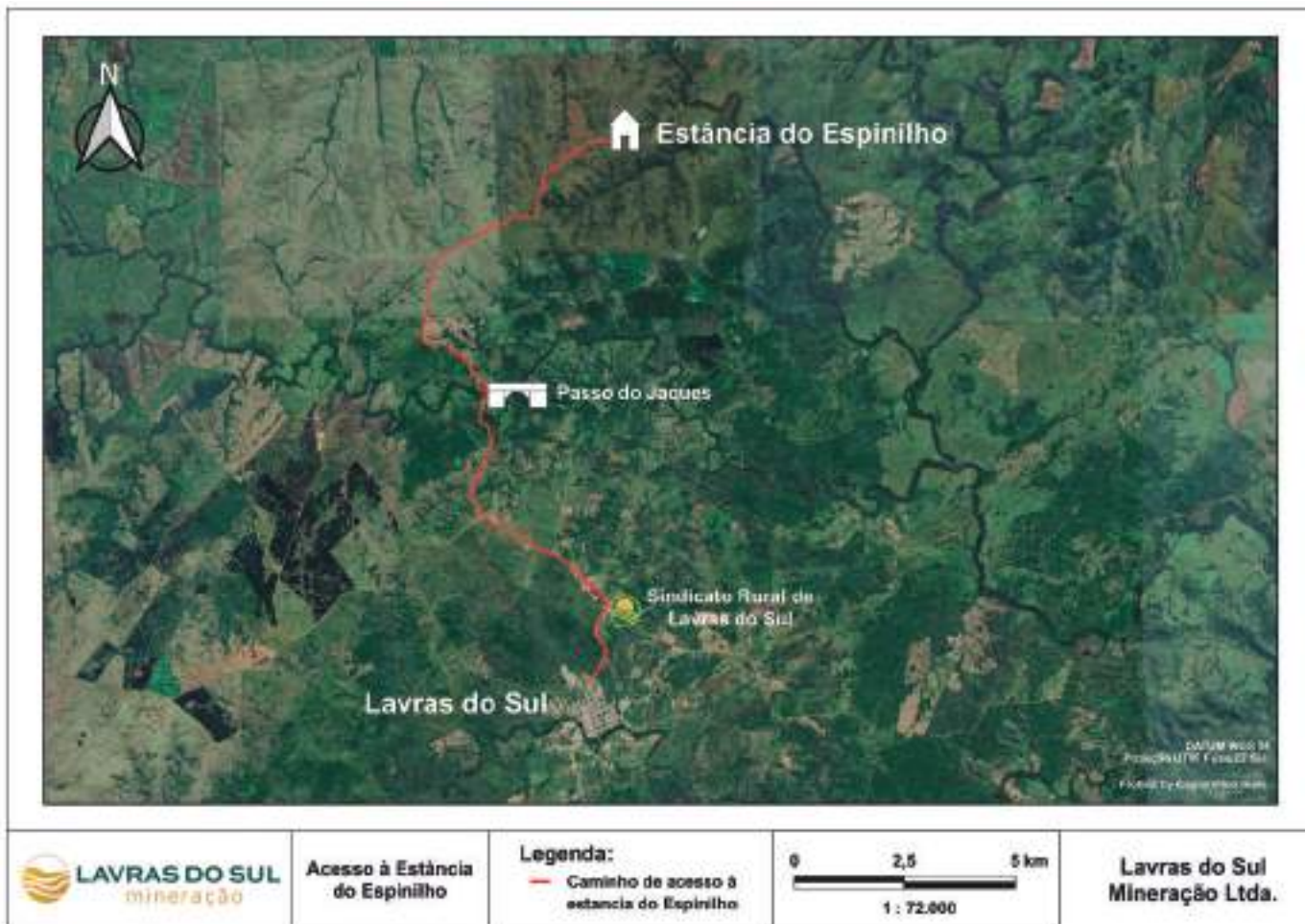
metros de altura facilmente. Ela possui folhas que caem durante a estação do inverno, mas na primavera elas voltam a nascer. Esse tipo de árvore é bem comum em locais onde bate bastante sol e tem o clima mais seco. Elas costumam ser vistas em florestas de clima tropical onde o tempo varia entre bastante chuva e clima quente e tempo seco e frio, floresta tropical pluvial, campo, caatinga. Elas precisam de solos enriquecidos com nutrientes para se desenvolver bem.

10. AMOREIRA NEGRA

(*Morus nigra* L.)

Tipo: Árvore - Família: Moraceae

Na medicina popular é empregada nos casos de ondas de calor da menopausa e indicada como terapia de reposição hormonal. Possui atividade antioxidante, hipoglicemiante, antiinflamatória e antimicrobiana. O chá das folhas é bastante utilizado pela população local para o tratamento de diabetes, colesterol, problemas cardiovasculares, obesidade e gota. Suas folhas servem como alimento para o bicho-da-seda.



EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



Detalhe da fachada do Espinilho

Estância do Espinilho

Propriedade é administrada pela mesma família há quatro gerações



Adquirida em 1942, após uma seca marcante, por Flaubiano Machado Teixeira, a propriedade já está na quarta geração da mesma família. Era um estabelecimento rural de grande porte, dedicado à criação, recria e terminação de rebanhos bovinos e ovinos. Por volta de 1960, a Estância do Espinilho, como passou a ser chamada, começou a ser administrada por seu filho, Aldrovando Leão Borges. Ao assumir a gestão da fazenda, Aldrovando foi precursor na intro-

dução da agricultura na região, além de investir em genética de ponta. Na agricultura, implantou o cultivo do trigo, e na pecuária, introduziu a raça bovina Santa Gertrudes, tornando-se referência e conquistando diversos prêmios com sua cabanha.

Em meados de 2000, a administração da estância foi assumida por seus filhos Alfredo Borges e Aldrovando Leão Borges Filho. Mais uma vez, a história se repetiu, e o Espinilho seguiu se modernizando e adaptando-se aos avanços - foi pioneiro na introdução da soja na região. Anos

mais tarde, com Aldrovando Filho à frente da gestão, a propriedade continuou trilhando o caminho da inovação, adotando práticas sustentáveis como o uso de bioinsumos e manejos de baixo impacto ambiental.

Hoje, a estância é administrada por seu filho Guilherme Borges, engenheiro agrônomo e bisneto do fundador. Atualmente, a Estância do Espinilho dedica-se à pecuária de terminação, com foco na recuperação do Bioma Pampa por meio do melhoramento das pastagens nativas e da preservação de matas e aguadas.

Saída de campo

Bastidores

Era inverno no Pampa quando chegamos na Estância do Espinilho. O mate nos esperava junto com um fogo na lareira, a lida seguia firme mesmo com um frio cortando. Nos bastidores dessa visita, acom-

panhamos de perto o trabalho que mantém viva a tradição da família, que é baseado em cuidar da terra, das águas e das pastagens nativas. Serviço não falta, e o respeito pelo campo fala bem alto.

FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO



Davi Olivar e Edinara Brasil catalogando espécies

EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



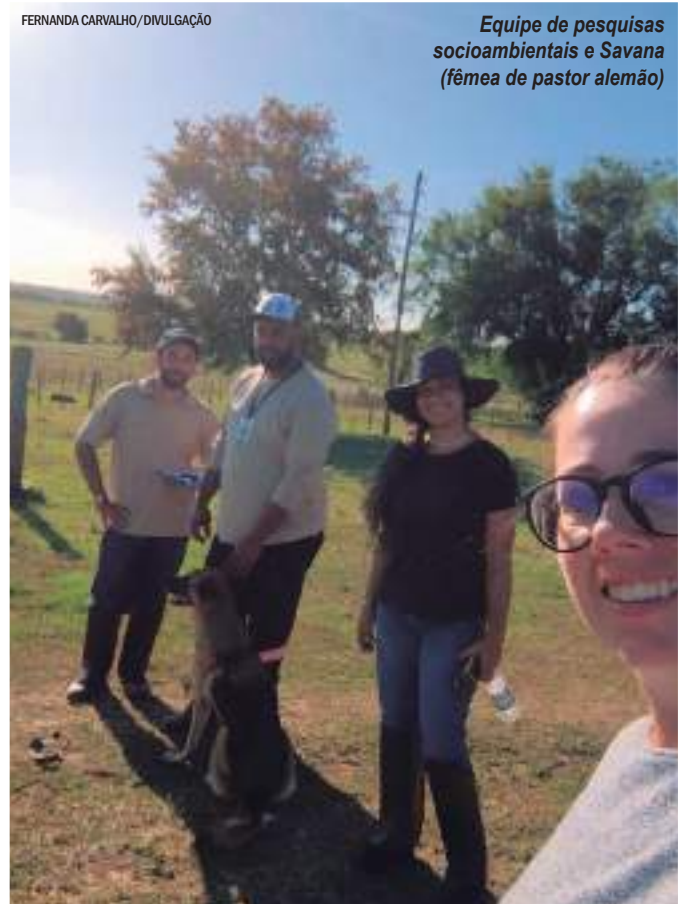
Fachada do Espinilho, por outro ângulo

FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO



Gustavo Heissler, Consultor da SIA, conversando com a fotógrafa Edinara Lopes Brasil e o proprietário da Espinilho, Aldrovando Borges (ao centro)

FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

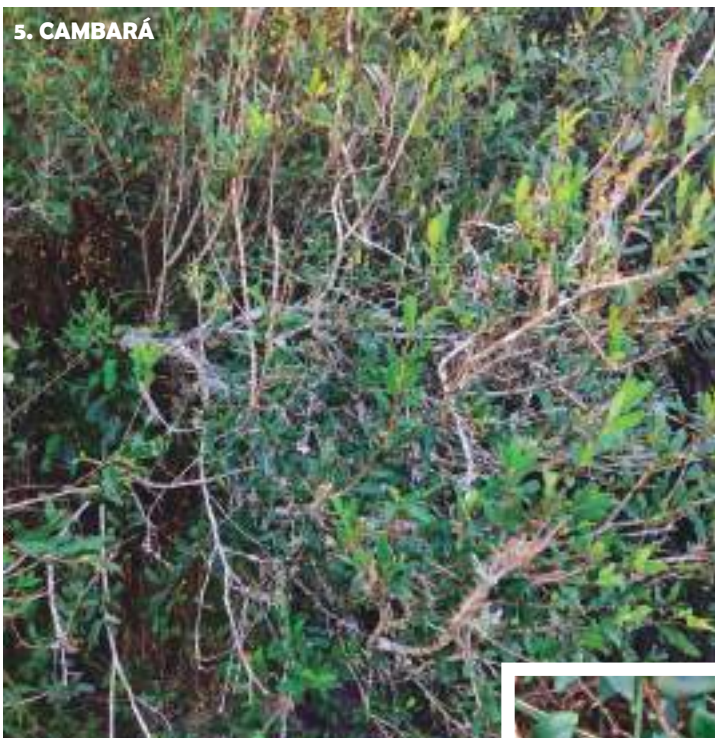


Equipe de pesquisas socioambientais e Savana (fêmea de pastor alemão)

Espécies nativas

Espinilho

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



5. CAMBARÁ



2. AMOREIRA



3. AVENCA



1. PAU FERRO



4. ÁRVORE DA SEDA

1. PAU FERRO

(*Libidibia ferrea*)

Tipo: Árvore - **Família:** Fabaceae

Árvore mede entre 20 e 35 metros de altura. Copa arredondada e larga, variando entre 6 e 12 metros de diâmetro. tronco de 40-60 cm de diâmetro, liso, marmorizado, de um branco muito claro, entremeado por tons de cinza, e descamante. A floração ocorre no verão e outono. As flores são amarelas, pequenas, e de importância ornamental secundária. Os frutos são vagens duras. Frutificação: julho a setembro. Época de floração: Primavera, Verão.

2. AMOREIRA

(*Rubus fruticosus*)

Tipo: Arbusto - **Família:** Rosaceae

Cujos frutos conhecemos como amora com espinhos, é uma planta arbustiva de folhas caducas da família de rosaceae originadas na Eurásia. É um arbusto espinhoso que pode atingir de 2 a 3 m de altura, mas pode ter uma largura igual ou até maior, devido aos novos jatos muito longos que se desenvolvem anualmente a partir das raízes. São espécies comuns na Europa e Ásia, mas também in-

troduzidas nas Américas; é uma planta comum em florestas úmidas, na orla das florestas, em clareiras e sebes; prefere solos ricos em nutrientes e pouco ácidos. Cresce até 1.700 m acima do nível do mar.

3. AVENCA

(*Adiantum capillus-veneris*)

Tipo: Samambaia - **Família:** Pteridaceae

É um pequeno feto vivaz que alcança os 10-40 cm de altura. Com caule reto e fronde finamente pinada com pecíolo negro. Possui uma distribuição cosmopolita, sendo nativo do Oeste e Sul da Europa, África, América do Norte e América Central. Frequente em muros, grutas e a junto a margens de ribeiros. É comum como planta ornamental. É uma espécie nativa de Portugal continental, Açores e Madeira. Habita as fendas das rochas, dos poços e dos muros, em locais úmidos e sombrios. Indicado para faringite, bronquite, catarros, asma, cistite, uretrite. Uso tópico para dermatite, estomatite, gengivite, periodontopatias, vulvovaginite. Usado como substituto do chá. Desde a Grécia Antiga usado para combater a queda de cabelo, triturado e misturado com azeite ou vinagre.

4. ÁRVORE DA SEDA

(*Albizia julibrissin*)

Tipo: Árvore - **Família:** Fabaceae

A árvore-da-seda, ou *Albizia julibrissin*, é uma planta perene da família Fabaceae, conhecida por suas flores delicadas e perfumadas, que se assemelham a pompons de seda. Originária da África, Ásia e Oceania, ela é amplamente utilizada no paisagismo devido às suas características ornamentais e atraem polinizadores como abelhas e borboletas. A árvore-da-seda cresce em sol pleno e requer cuidados regulares, como luz e rega adequadas, para um crescimento saudável.

5. CAMBARÁ

(*Moquiniastrum polymorphum*)

Tipo: Árvore - **Família:** Asteraceae

Vive em terrenos abertos, com distribuição esparsa. Suas flores são agregadas em pequenos capítulos. Sua madeira, por resistir bem à água, nos tempos atuais é muito utilizada na confecção de telhados e coberturas de casas e prédios. Costuma também ser utilizada nas rodas d'água. Deu origem ao nome de duas cidades brasileiras: Cambará do Sul e Cambará.

Espécies nativas

Espinilho

7. CANELEIRA DO MATO



6. CAMBUIM

9. CARAGUATÁ



8. CARAFÁ

10. CAPOROROCA



6. CAMBUIM

(*Myrcia selloi*)

Tipo: Árvore- Família: Myrtaceae

Arbusto ou arvoreta de 2-4 m, glabra ou com tricomas claros esparsos. CórTEX liso, exfoliado, amarelado ou acastanhado. Folhas elípticas ou ovadas, 30-40 x 15-20 mm, ápice agudo ou acuminado, base obtusa ou cuneada; nervura central sulcada ou plana, secundárias 10-16 pares. Inflorescências panículas axilares, 5-20 flores; pedicelos 1-1,8 mm; bractéolas lineares decíduas. Botões obovados, 3,5 x 2,5 mm; cálice com lobos ovado-triangulares. Frutos globosos, 5-8 mm, vermelhos a negros na maturidade.

7. CANELEIRA DO MATO

(*Ocotea corymbosa*)

Tipo: Árvore- Família: Lauraceae

Essa árvore pode atingir de 10 a 20 metros de altura, dependendo das condições do solo e do clima. Seu crescimento é moderado a rápido, especialmente quando cultivada em ambientes favoráveis. O tronco é geralmente reto, com casca aromática e fissurada, que

exala um odor forte quando cortado, justificando seu nome popular. Descrição da Planta A *Ocotea corymbosa* possui folhas simples, alternas e de coloração verde-escura, com uma leve textura coriácea. Suas flores são pequenas e esbranquiçadas, reunidas em inflorescências discretas, mas bastante atrativas para insetos polinizadores. Os frutos, por sua vez, são pequenas drupas arredondadas, que servem de alimento para pássaros e outros animais silvestres.

8. CARAFÁ

(*Phyllostachys aurea* Riviere)

Tipo: Gramínea - Família: Poaceae

O carafá é uma espécie exótica invasora, Bainhas de colmo amarelo-esverdeadas ou marrom-avermelhadas pálidas, tornando-se cor de palha, com manchas marrons de tamanho variável, base delimitada por pubescência branca; aurículas e cerdas orais ausentes; lígula verde-amarelada, truncada ou fracamente convexa no ápice, muito curta, 1-2 mm, margem mais longa ciliada verde pálida; lâmina reflexa, verde, com margens amarelas, linear, plana ou enrugada nas bainhas superiores. Folhas 2 ou 3 por ramo final; bainha glabra; aurículas e cerdas orais ausentes ou decíduas, são geralmente

usados para fazer caniços de pesca.

9. CARAGUATÁ

(*Bromelia balansae*)

Tipo: Arbusto - Família: Bromeliaceae

O nome caraguatá e semelhantes se originam do tupi karaguatá, nome da planta naquela língua. A planta apresenta longas folhas com fortes espinhos nas bordas e de colorido vermelho-arroxeadado quando em flor. As fibras contidas no fruto dessa planta servem para o preparo de roupas, cintos e bolsas. Tais fibras já foram motivo de tentativas de exploração comercial no Paraguai e na Argentina durante o século 19.

10. CAPOROROCA

(*Myrsine lessertiana*)

Tipo: Árvore - Família: Myrsine

Capororoca é o nome vulgar brasileiro das árvores do gênero *Myrsine* L. (antigamente *Rapanea*) da família *Myrsinaceae*. São árvores de porte pequeno a médio, portando folhas simples com margens inteiras em disposição alternas no caule. Os frutos da planta são drupáceos.

Espécies nativas

Espinilho

12. CORTICEIRA



13. PITANGUEIRA



15. FEIJÃO DA ESPANHA



11. MUDA DE JERIVÁ



14. ERVILHA BORBOLETA

11. MUDA DE JERIVÁ

(*Syagrus romanzoffiana*)

Tipo: Palmeira - **Família:** Arecaceae

É uma Palmeira de Estipe (tronco solitário), atingindo de 6 a 15 m de altura, no meio da floresta chega aos 30 m com o tronco variando de 25 a 62 cm de diâmetro. Ele é cilíndrico, vertical e fissurado (com algumas rachaduras), com coloração cinzenta e algumas pontuações escuras. A copa é ligada ao tronco e é composta por 4 a 14 folhas arqueadas e pinadas com raque (eixo das folhas) de 2,5 a 4 m de comprimento, sob pecíolo (segmento da folha que se prende ao tronco) semelhante a bainha (que envolve metade do tronco) com base expandida, fibrosa de 20 a 40 cm de largura, a ápice é o topo das folhas que mede de 30 a 70 centímetros de comprimento.

12. CORTICEIRA

(*Erythrina crista-galli*)

Tipo: Árvore - **Família:** Fabaceae

É uma árvore da família das leguminosas (Fabaceae), nativa do sul do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, podendo atingir 10

metros de altura. Tem um tronco tortuoso, folhas compostas, trifolioladas com folíolos glabros e flores vermelhas de cálice campanulado. O fruto é uma vagem com sementes semelhantes ao feijão. Pertence ao mesmo gênero científico que as demais espécies conhecidas como suinã ou mulungu.

13. PITANGUEIRA

(*Eugenia uniflora* L.)

Tipo: Arbusto - **Família:** Myrtaceae

A pitangueira é uma árvore nativa da Mata Atlântica brasileira, onde é encontrada na floresta semidecidual do planalto e nas restingas, desde Paraíba até o Rio Grande do Sul em regiões de clima subtropical. É uma árvore medianamente rústica, de porte pequeno a médio, com 2 a 4 metros de altura, mas alcançando, em ótimas condições de clima e de solo, quando adulta, alturas acima de 6 metros. E até, no máximo, 12 m. A copa globosa é dotada de folhagem perene. As folhas pequenas e verde-escuras, quando amassadas, exalam um forte aroma característico. As flores são brancas e pequenas, tendo utilidade melífera (apreciada por abelhas na fabricação do mel).

14. ERVILHA BORBOLETA

(*Clitoria ternatea*)

Tipo: Trepadeira - **Família:** Fabaceae

A ervilha-borboleta é uma planta que pode ser cultivada para produzir chás que mudam de cor, que possuem muitas propriedades benéficas. A ervilha-borboleta, ou *clitoria ternatea*, é uma bela planta com flor que pode não apenas adicionar um toque de cor ao seu jardim, mas também produzir chás com fascinantes propriedades de mudança de cor.

15. FEIJÃO DA ESPANHA

(*Phaseolus coccineus*)

Tipo: Trepadeira - **Família:** Faboideae

Chega a medir até 4 metros de comprimento e possui flores vermelhas, vagens grossas, pendentes, e sementes alimentícias de que se faz farinha utilizada em pirão. É originária da América Central e do México, tendo sido posteriormente cultivada América do Sul, e também cultivada como ornamental. Também é conhecida pelos nomes de feijão-de-sete-anos, feijão-flor, feijão-trepador e feijoeiro-escarlata.

Espécies nativas

Espinilho

20. FIGUEIRA DO MATO



18. ESPINHEIRA SANTA



16. MIO MIO

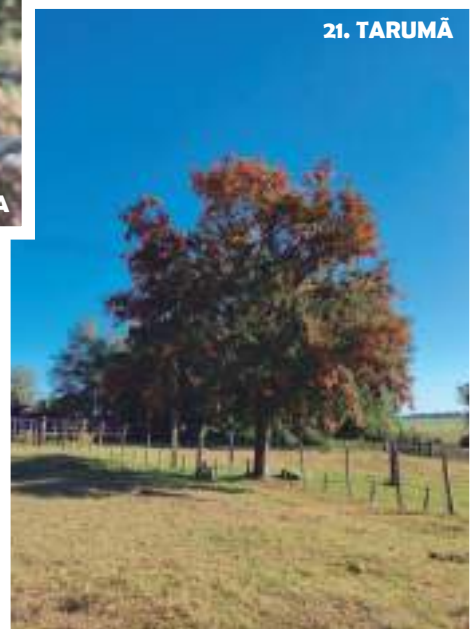


19. SUCARÁ

17. CEDRO



21. TARUMÃ



16. MIO MIO

(*Baccharis coridifolia*)

Tipo: Arbusto - Família: Asteraceae

Espécie tóxica, infestante em pastagens. A intoxicação ocorre em animais provenientes de outras regiões que não conhecem a planta. Surge apenas em solos rasos e firmes. Preferem terrenos que, na estação das chuvas, estaguinam água, do subsolo até a superfície, mas que na época de estiagem, são muito secos. Dependem da pobreza do solo em molibdênio. Roçando-se a vassourinha com roçadeira de ferro ou faca sem fio, aumenta a infestação. Tem um agente tóxico mortal para o gado.

17. CEDRO

(*Cedrela odorata*)

Tipo: Árvore - Família: Meliaceae

Chega a atingir 35 m de altura e 150 cm de diâmetro. As suas folhas são compostas. Possui caule rugoso. A madeira caracteriza-se pelo seu cerne vermelho e é muito utilizada e apreciada na produção de mobília. É utilizada na produção de óleo essencial utilizado em perfumaria.

18. ESPINHEIRA SANTA

(*Monteverdia truncata*)

Tipo: Arbusto - Família: Celastraceae

Em jardins externos alcança o porte de arbusto, com até três metros de altura. Em vasos grandes, em varandas, atinge até um metro. É considerada planta medicinal. Popularmente conhecida como espinheira-santa, espinheira-divina, maiteno, salvavidas, sombra-de-touro, erva-cancerosa, congorça, cancerosa, cancorosa, espinho-de-deus, e congorça.

19. SUCARÁ

(*Xylosma tweediana*)

Tipo: Arbusto - Família: Salicaceae

É um arbusto espinhoso de 2-4 m de altura, com folhagem caduca (que cai no outono) que se torna avermelhada no outono. Espinhos retos de até 5 cm de comprimento, um por nó, avermelhados. Os espinhos do tronco são grandes e ramificados. Ramos avermelhados com lenticelas cinzentas circulares notáveis. Folhas simples, ovais, oblongo-elípticas, com borda crenada, glabras. Flores amarelo-esverdeadas, dióicas, pequenas, aromáticas, dispostas em grupos axilares, as flores

masculinas com numerosos estames. Fruto baga subglobosa de 4-6 mm de diâmetro, vermelhas, tornando-se negras. Floresce e frutifica no verão.

20. FIGUEIRA DO MATO

(*Oreopanax fulvum*)

Tipo: Árvore - Família: Araliáceas

É nativa da América do Sul, na Bolívia e no Brasil atingindo a Bahia até Rio Grande do Sul. É uma espécie de árvore da família das araliáceas conhecida popularmente como Figueira-do-mato, chapéu-de-sol, figueira-braba, mandioqueira e tamanqueira.

21. TARUMÃ

(*Vitex megapotamica*)

Tipo: Árvore - Família: Lamiaceae

O tarumã já foi mais popular, principalmente devido à sua madeira, que tem fama de indestrutível por durar bastante, mesmo em lugares úmidos e também pelos frutos roxo-azulados, com aparência de azeitonas, embora sejam comestíveis, geralmente são desprezados por causa de seu sabor, mas são apreciados por macacos e pássaros.

Espécies nativas

Espinilho

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO

23. MATA OLHO



22. MALVA ROSA

22. MALVA ROSA

(*Alcea rósea*)

Tipo: Trepadeira - Família: Malvaceae

A malva-rosa é uma planta herbácea e bienal, conhecida pelo seu florescimento vistoso e suas propriedades medicinais. Seu porte é alto para uma florífera, atingindo cerca de 1 a 1,5 metros de altura. Suas folhas são cordiformes e lobadas, pubescentes, ásperas, rugosas e verde-claras, que se tornam progressivamente menores em direção ao topo.

23. MATA OLHO

(*Sapium glandulatum*)

Tipo: Árvore - Família: Euphorbiaceae

É uma árvore lactecente, decídua que pode alcançar até 20 metros de altura, com troncos retos e cilíndricos que podem atingir até 0,5m de diâmetro. As folhas são longas, com espinhos, simples, alternadas, lanceoladas, apresentando margens finamente serrilhadas, atingindo um comprimento acima de 15 cm. Floresce de outubro a janeiro, e frutifica de janeiro a março.

24. PRÍMULA SALGUEIRO

(*Oenothera biennis*)

Tipo: Trepadeira - Família: Herbáceae

É uma planta herbácea anual ou bianual, de caule robusto, com folhas largas e longas, que produz belas flores grandes e amarelas, que são

visitadas por insetos. O fruto possui formato de cápsula, que contém numerosas sementes, que são responsáveis por sua propagação.

25. RAPA CANELA

(*Mimosa ramulosa*)

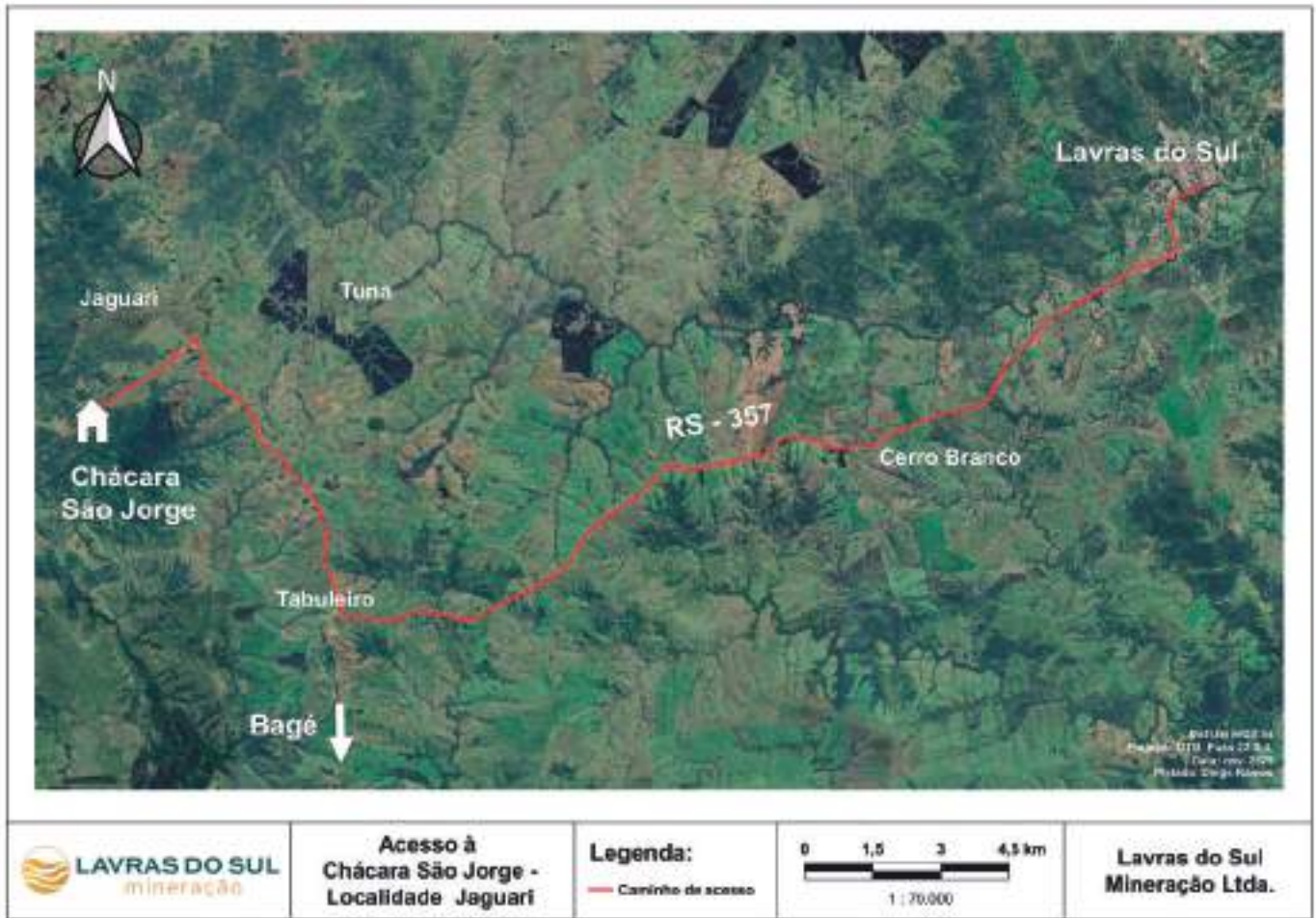
Tipo: Arbusto - Família: Fabaceae

Utiliza-se na medicina popular tanto suas folhas em infuso ou suco (em cataplasmas) como sua raiz. Tem propriedades purgativas sendo tóxica em altas doses. Entre as indicações da medicina popular estão afecções do fígado, prisão de ventre e em gargarejo para inflamações da boca, garganta e dor de dente ou em cataplasma para reumatismos articulares ou tumores.

25. RAPA CANELA



24. PRÍMULA SALGUEIRO



Família Batista - Jaguari

História familiar tem 150 anos de tradição no artesanato em lã

FOTO EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO

Da esquerda para a direita: Marcia Pereira Batista, Cândido Pereira Batista, Andreia Pereira Batista, Claudiomar França Batista (Nenê), Neuza França Batista, Maria Zenaide França Batista, Zilá Munhoz (vistante), Hilsa França Batista (Chininha), Santa Isabel França Batista, Narciso França Batista e André Agostinho França Batista



Claudiomar e André França Batista convivem com a lã como produto e matéria-prima desde pequenos. Dois dos 13 filhos de Ari Lucas Batista e Hilsa Soares França, a dona Chininha, Claudiomar e André se aperfeiçoaram em esquila solta e acondicionamento de lã, e hoje trabalham profissionalmente na área - são esquiladores profissionais nos métodos Tally-Hi e New Pattern,

e acondicionadores de lãs nas normas Prolana e lã certificada gaúcha.

Mas essa história da família com a tecelagem em lã é mais antiga. Vem de suas avós. Andréa Osorio-lina Soares França, a avó materna, era artesã, quitandeira e lavadeira, e levava seus filhos, tanto meninos quanto meninas, para trabalhar junto com ela. Quando faziam visitas ou rezavam o terço, no Jaguari, a cavalo, elas trabalhavam com lã durante um

trajeto de 20 km, aproximadamente, em uma cela chamada celim, que permitia às senhoras cavalgarem com as duas pernas para o mesmo lado do cavalo. Vale lembrar que, nesta época, a esquila era feita a martelo, ou seja, com tesoura manual.

Hoje com 85 anos, Dona Chininha ainda mantém o processo original, desde o lavado, abrir, cardar, fiar em roca ou fuzo, tingir com ervas naturais, tecer no tear de parede e arrematar.

Saída de campo

Bastidores

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



Família Batista exibindo os xergões com tingidura, naturalmente coloridos com espécies da flora nativa



Dona Chininha segura um novelo tingido naturalmente



Novelo tingido com líquens filamentosos que crescem nos afloramentos rochosos

O Inventário de Flora se propõe, neste momento, a registrar a beleza das memórias das famílias que coabitam os espaços junto com a natureza bruta, e dela produzem seus bens.

Esse trabalho tem o propósito de valorizar e dar sentido ao conjunto homem-natureza, que juntos compõem o mosaico da vida no campo, onde é preciso encontrar um caminho viável para a sustentabilidade, utilizando recursos naturais (flores, fungos, raízes), como fontes preciosas para colorir a lã das ovelhas.

A ovinocultura é uma das atividades mais antigas na construção da identidade cultural do Rio Grande



Novelo tingido com resíduo orgânico da cebola

do Sul, e aliar uma atividade pecuarista ao saber fazer da lã, tecer e tingir naturalmente com aquilo que a mata ciliar oferece, é imensamente rico para a manutenção das tradições das pequenas propriedades rurais do interior do Pampa Gaúcho.



André fala da relação da família com o espaço geográfico onde estão inseridos



Novelo tingido com a raiz da Erva de São João



Equipe do Projeto Viver e integrantes da Família Batista caminham pelas trilhas do Jaguari

Espécies nativas Jaguari

FOTOS FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO



4. BRANQUILHO



3. CACTO



5. ALECRIM



1. AVENCA



2. CAMBARÁ

1. AVENCA

(*Adiantum capillus-veneris*)

Tipo: Samambaia - Família: Pteridaceae

A avenca é uma das plantas mais populares quando o assunto é decoração e charme natural. Com suas folhas delicadas e vibrantes, essa planta conquista apaixonados por jardinagem em todo o mundo. Além de embelezar qualquer espaço, ela traz um toque de frescor às casas e escritórios.

2. CAMBARÁ

(*Gochnatia polymorpha*)

Família: Verbenaceae - Tipo: Árvore

Espécie que pode alcançar 10 m de altura em sua vida adulta. Possui pequenas flores brancas, e na medicina popular, as folhas dessa espécie são empregadas em chás para infecções broncopulmonares.

3. CACTO

(Cactaceae)

Tipo: Suculentas - Família: Cactaceae

Os ramos longos, geralmente suculentos e alguns até comestíveis, produzem folhas fotossintéticas e os caules curtos produzem folhas modificadas em espinhos ou conjunto deles; estípulas ausentes e fruto tipo baga. As flores dos cactos são grandes, sendo que muitas espécies apresentam floração noturna já que são polinizadas por insetos ou pequenos animais noturnos, principalmente mariposas e morcegos.

4. BRANQUILHO

(*Sebastiania commersoniana*)

Tipo: Árvore - Família: Euphorbiaceae

Árvore nativa encontrada desde Minas Gerais até parte do Uruguai. Comumente uti-

lizada como lenha ou também para cabo de ferramentas manuais. Recomendada para projetos de reflorestamento visando recuperação ambiental.

5. ALECRIM

(*Baccharis dracunculifolia*)

Tipo: Arbusto - Família: Asteraceae

É uma espécie arbustiva, ramificada e perene que pode chegar a três metros de altura. É nativo da América do Sul e foi considerada uma planta invasora de pastagens e erradicada de muitas regiões em função disto. É encontrado principalmente em países como Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. No Brasil, onde também é conhecido pelo nome popular de vassourinha devido a seu uso na produção de vassouras, ocorre nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Espécies nativas Jaguari

FOTOS FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

10. SETE SANGRIAS



6. CAPOROROCA



9. CAPIM SANTA FÉ



8. IMBIRA



7. ERVA-SÃO-JOÃO



6. CAPOROROCA

(Myrsine)

Família: Myrsinaceae - Tipo: Árvore

Árvore de porte médio, com incidência no sul, sudeste e nordeste brasileiro. Os frutos dessa espécie são usados como condimento em conserva de vinagre, e servem de alimento para diversas espécies de pássaros.

7. ERVA-SÃO-JOÃO

(*Hypericum perforatum*)

Tipo: Arbusto - Família: Hypericaceae

Planta medicinal que possui propriedades antibacterianas, antifúngicas, antioxidantes. Estudos iniciais de antidepressivos

baseados em Erva de São João, demonstram resultados positivos para casos de depressão leve ou moderada.

8. IMBIRA

(*Daphnopsis*)

Tipo: Árvore - Família: Thymelaeaceae

Árvore médio, com altura que pode variar de alguns metros a mais de 10 metros, dependendo da espécie. Seu tronco é geralmente tortuoso e revestido por uma casca fibrosa, característica que lhe confere o nome popular. As folhas são simples, alternas e geralmente possuem margens lisas. As flores são pequenas e discretas, reunidas em inflorescências. Os frutos são drupas, pequenas e arredondadas.

9. CAPIM SANTA-FÉ

(*Coleataenia prioniti*)

Tipo: gramínea - Família: Lamiaceae

Erva que se concentra em touceiras, muito comum nos campos do bioma pampa. Pode ser utilizada para a construção de telhados de casas e galpões.

10. SETE-SANGRIAS

(*Cuphea carthagenensis*)

Tipo: Herbácea - Família: Lamiaceae

Planta nativa de toda a América do Sul que ocorre com crescimento espontâneo em pastagens e terrenos baldios de todo o Brasil. Na medicina popular é utilizada para diminuir a taxa de colesterol e para tratamento da diabetes.

Espécies nativas

Jaguari

FOTOS FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

14. CAPOROROCA DA CASCA FINA



12. CORONILHA



11. CAMBUIM



13. MUSGO/ERVA DE PEDRA

11. CAMBUIM

(*Myrciaria cuspidata*)

Tipo: Árvore - **Família:** Myrtaceae

É uma árvore pequena, com altura entre 3 e 6 metros, com tronco de casca lisa castanho-amarelada que descama em placas finas. As folhas são glabras, levemente discoloradas, e as flores são brancas, pequenas, aromáticas e melíferas. O cambuim prefere sol, mas deve ser protegido do sol forte do verão. É uma árvore ornamental, resistente e adaptável a diferentes tipos de solo.

12. CORONILHA

(*Scutia buxifolia*)

Tipo: Árvore - **Família:** Rhamnaceae

É uma árvore que pode atingir até 7

metros de altura, podendo ser encontrada em afloramentos rochosos, matas ciliares, capões e matas de encosta. Seus espinhos característicos podem apresentar um tamanho de até 6,4 cm de comprimento. Suas flores são amarelo-esverdeadas, pequenas e agrupadas, e seus frutos roxo-escuros. Os frutos são muito atrativos para a avifauna. Devido ao seu porte e estrutura da copa, pode ser encontrada na jardinagem de parques e jardins, como também pode ser encontrada na formação de cercas vivas.

13. MUSGO/ERVA DE PEDRA

(*Racomitrium lanuginosum*)

Tipo: Líquem - **Família:** Bartramiaceae

Estes musgos são facilmente reconhecíveis pela sua aparência esbranquiçada e densa, formando tufos ou almofadas sobre as superfícies

onde se instala. Ele é frequentemente encontrado em áreas com alta umidade e pode ser visto em diversos tipos de substratos, como rochas, solos e troncos de árvores.

14. CAPOROROCA DA CASCA FINA

(*Rapanea ferrugínea*)

Tipo: Árvore - **Família:** Myrsinaceae

A Capororoca é uma planta perenifólia, heliófita, seletiva higrófila e pioneira, pode atingir de 6 a 12 metros de altura, tem a copa estreita e rala, com tronco de 30 a 40 cm de diâmetro, revestido por casca fina, acinzentada, com ritidoma pouco lenticelado. A madeira é leve, macia e pouco resistente. São árvores de porte pequeno a médio, portando folhas simples com margens inteiras em disposição alternas no caule. Os frutos da planta são drupáceos.

Espécies nativas Jaguari

FOTOS FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

16. PESSEGUEIRO DO MATO



15. MAMICA DE CADELA

(*Zanthoxylum riedelianum*)

Tipo: Árvore - **Família:** Rutaceae

O *Zanthoxylum* tem sido usado em todo o mundo para tratar diferentes condições, como picadas de cobra, problemas estomacais, lesões cutâneas, inflamação e doenças parasitárias.

16. PESSEGUEIRO DO MATO

(*Eugenia myrcianthes*)

Tipo: Árvore - **Família:** Myrtaceae

Arbusto entouceirado ou árvore de até 10 m de altura e 40 cm de diâmetro à altura do peito, com casca espessa, acinzentada e com fissuras longitudinais. A copa, arredondada, possui folhagem densa, caduca,

18. SOMBRA DE TOURO



17. TALEIRA



com raminhos tomentosos. As folhas, opostas, inteiras e oval-oblongas até lanceoladas, medem de 3 a 8 cm de comprimento por 1,5 a 3 cm de largura, apresentando face superior glabra, nervura principal levemente impressa e nervuras secundárias pouco visíveis.

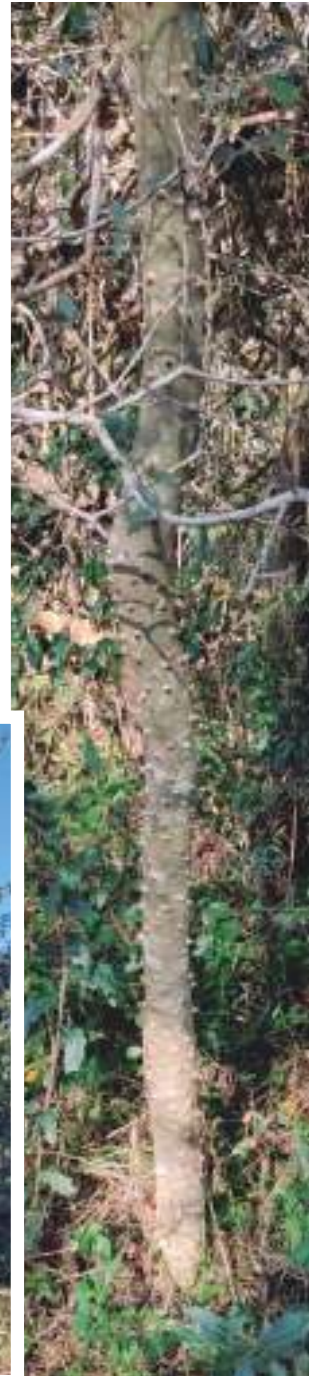
17. TALEIRA

(*Trema micrantha*)

Tipo: Árvore - **Família:** Cannabaceae

A taleira conhecida também como Pau Pólvora é uma espécie arbórea, pioneira, com altura de 5-20 m e tronco de 20-40 cm de diâmetro, revestido por casca verrucosa. Suas folhas são simples, lanceoladas, ovaladas ou oblonga lanceoladas, com face superior áspera e esparsamente vilosa, a inferior vilosa e glabrescente, com nervura principal e secundárias proeminentes.

15. MAMICA DE CADELA



As flores são reunidas em inflorescências esbranquiçadas dispostas com os pecíolos foliares e os frutos são globosos e de coloração alaranjada quando maduros.

18. SOMBRA DE TOURO

(*Acanthosyris spinescens*)

Tipo: Árvore - **Família:** Opiliaceae

Acanthosyris spinescens, localmente chamada de Sombra de touro ou quebradillo é uma árvore nativa espinhosa com uma distribuição nativa no Uruguai, Argentina e Brasil. Como espécie pioneira, cresce bem em novas áreas florestais em áreas semi-sombreadas, mas cresce lentamente. A árvore tem um fruto comestível amarelo e cresce lentamente. A medicina tradicional inclui o uso das folhas para tratar febres e úlceras. A árvore foi descoberta pela primeira vez em 1879.

Espécies nativas

Jaguari

FOTOS EDINARA LOPES E FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO



20. GUAMIRIM



21. TARUMÃ



23. BARBA-DE-PAU



22. CHAL-CHAL



19. JOÁ-BRAVO

19. JOÁ-BRAVO

(*Solanum sisymbriifolium*)

Tipo: Arbusto - **Família:** Solanaceae

O joá-bravo é uma planta muito espinhosa, utilizada como cerca-viva e na proteção de lavouras, especialmente contra animais. Apesar disso, é considerada praga agrícola no Brasil, estando naturalizada em ecossistemas do sul do país.

20. GUAMIRIM

(*Myrcia oblongata*)

Tipo: Árvore - **Família:** Myrtaceae

Árvore nativa da Mata Atlântica, também encontrada no Rio Grande do Sul. Apresenta porte pequeno a médio, copa arredondada e frutos pequenos, escuros, utilizados para consumo

in natura ou na produção de sucos e geleias.

21. TARUMÃ

(*Citharexylum myrianthum* Cham)

Tipo: Árvore - **Família:** Verbenaceae

Árvore de médio a grande porte, podendo atingir até 25 m de altura. Possui folhas opostas, flores brancas em inflorescências alongadas e frutos vermelhos, arredondados, com uma única semente.

22. CHAL-CHAL/FRUTA DE POMBO

(*Citharexylum myrianthum* Cham)

Tipo: Árvore - **Família:** Verbenaceae

Espécie arbórea de médio a grande porte, com tronco cilíndrico e ramos quadrangulares. Apresenta folhas simples e opostas, flores

brancas em inflorescências alongadas e frutos vermelhos, pequenos e arredondados. Seus frutos são muito atrativos para aves, desempenhando importante papel na alimentação da fauna e na dispersão de sementes.

23. BARBA-DE-PAU

(*Tillandsia usneoides*)

Tipo: Epífita - **Família:** Bromeliaceae

Espécie epífita que não necessita de solo, absorvendo água e nutrientes diretamente do ar e da chuva por meio de escamas presentes nas folhas. Possui raízes pouco desenvolvidas, utilizadas apenas para fixação nos troncos das árvores. É comum em ambientes úmidos e bem ventilados, contribuindo para a retenção de umidade e servindo de abrigo para pequenos organismos.



Mudinha de porongo para distribuição em dia de atividade no viveiro. Recipiente feito em lâ ovina feltrada



Bichos do Pampa confeccionados em lâ pela artesã Nida Duarte, e os vasos de lâ feitos pela tecelã Andressa Soares



Diretor da LDSM Paulo Serpa (primeiro à direita), e Coordenador de Assuntos Institucionais Nilson Dorneles, falam sobre o projeto a visitantes do viveiro



Estamos de portas abertas esperando os amigos!



Crianças em atividades lúdicas no viveiro



Reaproveitamento de garrafas PET



Produção de mudas no viveiro



Equipe do Projeto Viver (da esquerda para a direita): Ricardo Rodrigues, Edinara Lopes, Fernanda Carvalho, Cristiana Teixeira, Cláudia Garcia, Davi Olivar e Galvão de Souza

PROJETO VIVER

Conexão social e capilaridade de ações SUSTENTÁVEIS



Pontos de partida para a conexão social, os projetos socioambientais da Lavras do Sul Mineração refletem o trabalho da empresa no desenvolvimento da cidade-sede e da região.

Apoiando o desenvolvimento da agricultura familiar e mostrando a coexistência da mineração com a con-

servação do Bioma Pampa, o Projeto Viver aposta no melhoramento dos campos nativos com o uso de insumos agrícolas, garante produtividade, empreendedorismo e renda no campo, gerando uma ligação sólida com a comunidade por meio de um viés comprometido e sustentável.

Em um primeiro momento, o Viver era um espaço de cultivo de

mudas nativas. Hoje, lança raízes que promovem a capilaridade de suas ações, aumentando o leque de benefícios e beneficiados. Um exemplo disso é o alcance da iniciativa nas escolas municipais de Lavras, trabalhando o pertencimento e despertando os alunos para que reconheçam a riqueza histórica e mineral na qual estão inseridos.

POUT-POURRI

FOTOS EDINARA LOPES/DIVULGAÇÃO



Espinheira Santa



Cereja do mato

“A terra tem em si horizontes e ternuras. Pintados de simplicidade pelas mãos de Deus”.

(Gujo Teixeira)



Timbaúva



Cereja do mato

FECHAMENTO

FOTO FERNANDA CARVALHO/DIVULGAÇÃO

Conservação do Bioma Pampa passa pelo desenvolvimento da PECUÁRIA FAMILIAR



Dia de Campo na
propriedade de
Brayann Teixeira



Diretor da LDSM, Paulo Serpa



Com grande relevância ecológica e econômica, os campos nativos do Bioma Pampa já ocupam quase 65% da área do Rio Grande do Sul.

Base histórica da pecuária extensiva tradicional, esses campos têm ótima aptidão para serem explorados, naturalmente, por meio da pecuária, criação de ovinos, bovinos e exploração pastoril. Quando bem conduzidos, esses campos nativos podem coexistir com a pecuária e, conseqüentemente, com a conservação ambiental, entregando não só a questão produtiva e de manutenção da biodiversidade, mas também o que diz respeito à capacidade surpreendente de armazenar carbono do solo e convertê-lo em depósitos a longo prazo. Do contrário, são campos que raramente podem ser recompostos ou recuperados.

Esse ecossistema tem como centro o pequeno produtor, que na nossa região representa 60% do total das propriedades rurais do Bioma Pampa. Desse total, 58% trabalha com, no máximo, 50 animais. Fortalecer esse pequeno produtor e aumentar sua produtividade é, portanto, a chave

para manter a conservação dos campos nativos. Cientes dessa importância, a Lavras do Sul Mineração (LDSM), o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lavras do Sul, o SEBRAE, a SIA e os técnicos da FETAG-RS, estão cancelando ações de investimento, diagnóstico e planejamento de ações que visam ao enriquecimento do solo e ao aumento da biodiversidade de espécies campestres das áreas em coexistência com a pecuária, garantindo sustentabilidade ambiental e financeira para os produtores da região.

Foi o que aconteceu na propriedade do pecuarista familiar Brayann Teixeira, onde estamos custeando a recuperação de 4 hectares de campo, e que, em menos de um ano - novembro de 2024 a outubro de 2025 - já apresentou um aumento da quantidade de espécies nativas campestres, passando de 7 para 21. Para os próximos anos, a meta da LDSM é apoiar a recuperação de, ao menos, 20 hectares de campos nativos junto a pecuaristas familiares, por meio de custeio de insumos e assistência técnica.

Desenvolver a pecuária familiar e ao mesmo tempo conservar o bioma é uma questão de base da economia re-

gional e estadual, e oferece benefícios duradouros. Esse também é um dos objetivos da Frente Pelo Desenvolvimento da Região da Campanha Gaúcha, lançada em 2024 por entidades e indústrias da região, como a LDSM, e que busca criar condições necessárias para resgatar o crescimento econômico em setores potenciais característicos, como a agricultura, a pecuária e a mineração. Hoje, estão conosco nesse propósito da Frente Pelo Desenvolvimento 16 municípios parceiros. Temos profissionalismo, planejamento e regulamentação fortes, e esse gerenciamento de recursos minerais e naturais de forma sustentável garante que os efeitos invasivos socioambientais sejam reparados e compensados, mantendo não apenas a biodiversidade, mas também o modo de vida tradicional e os serviços ambientais que sustentam a Campanha Gaúcha.

Paulo Serpa

Diretor da Lavras do Sul Mineração

